

Jogo pesado

CORREIO BRAZILIENSE

Embora persistam pontos obscuros nos caminhos que o Brasil está abrindo no rumo da renegociação da dívida externa, o fato incontroverso é que aos poucos tornam-se identificáveis as formas de viabilização desse questionamento.

Desde a recusa das autoridades americanas pela proposta inicial de conversão de parte da dívida em títulos de colocação internacional, até o sinal verde dado pelo Fundo Monetário Internacional, não decorrem mais de 24 horas. A reação do secretário Baker e a disposição favorável do FMI, acolhendo com um informe positivo o plano de controle da economia brasileira, não se anulam. Muito ao contrário, abriram os espaços que o País precisava para continuar evoluindo uma tratativa que necessariamente terá de ser a base das futuras negociações.

A recusa do Secretário do Tesouro tem causa essencial no caráter impositivo da conversão de metade da dívida em papéis de longo prazo pretendida pelo Brasil. O presidente José Sarney, de pronto, identificou a causa do impasse, recomendando ao ministro Bresser Pereira que reformulasse sua proposta, admitindo a forma voluntária de adesão de parte dos credores internacionais.

Não existe desdouro algum em alterar-se, nesses casos, posições de circunstâncias, desde que mantidas as principais definições já tornadas públicas pelo Governo brasileiro. Avançar ou recuar são recursos cabíveis nos entendimentos que buscam soluções

de um contencioso mediano para ambas as partes.

Sabem as autoridades financeiras, tanto aquelas ligadas aos bancos americanos, como as que gerenciam o Clube de Paris, que o Brasil — a exemplo do que ocorre com o Terceiro Mundo — não tem condições de satisfazer as exigências do mercado internacional do dinheiro, pelas formas convencionais. Novas fórmulas deverão ser encontradas para buscar soluções que satisfaçam os valores em jogo e que se ligam, em via direta, com a estabilidade do modelo econômico do mundo ocidental. Brasil e México, por exemplo, estão inadimplentes com o serviço da dívida equivalente a US\$ 25 bilhões anuais. A Argentina, com crescentes dificuldades para saldar seus compromissos nessa área, pode fechar um passivo que somado aos mexicanos e brasileiros daria para levar à falência o sistema capitalista.

Os resultados das eleições no último domingo na Argentina, nas quais o populismo peronista deu mostras de vitalidade, devem ter alertado Washington, Paris, Londres, Frankfurt e Tóquio para novos tempos que estão em preparo no âmbito dos países endividados, hoje com um contencioso que caminha célere para significar um saldo devedor de US\$ 900 bilhões e onde a América Latina entra com significativos parciais de US\$ 350 bilhões.

Aqui no Brasil vota-se uma nova Constituição, onde novos conceitos podem estruturar obstáculos maiores para ajustes econômi-

cos recessivos. Os homens que negociam a questão da dívida — tanto americanos, quanto brasileiros, mexicanos e argentinos — identificam a urgência de um entendimento de curtíssimo prazo para colocar deveres e obrigações a serem assumidos de imediato, sem mais delongas.

Por isso mesmo a manobra brasileira tem muito de inteligência estratégica. Mantida a inegociabilidade das medidas de recessão, parte o País para uma sugestão que não foi aceita no seu todo, mas que admite formas alternativas.

Muito a propósito vale assinalar que o aval do FMI manifesta uma preocupação que já estava operacionalizada por decisão do Presidente da República. O controle do deficit público, com sua redução para taxas consideradas válidas em relação ao PIB, faz parte de determinações expressas do Palácio do Planalto. Estão em curso na administração interna.

Não subsistem, como se vê, situações irreversíveis nem estrangulamentos insuperáveis. Também não está em alta o mercado das vaidades, onde os homens públicos possam se abespinhar ante situações prováveis e perfeitamente cabíveis nas áreas de fricção de negociações, nas quais acham-se envolvidos interesses de magnitude ainda desconhecida pelo mercado do dinheiro, no plano mundial, em medida que abrange toda a história da humanidade.

É um jogo pesado e não um torneio de amenidades.